

ABASTECIMENTO *Estiagem baixa o nível da Guarapiranga e pode cortar ajuda da Billings*

Sabesp já cogita racionamento para 3,5 milhões

MARIANA VIVEIROS
 DA REPORTAGEM LOCAL

Se o nível da represa Billings não parar de diminuir até a primeira metade de outubro, o bombeamento de água do braço Taquacetuba (um dos formadores do reservatório) para a represa Guarapiranga será impossibilitado, o que pode provocar um racionamento de água em novembro para 3,5 milhões de moradores da zona sul de São Paulo.

O consumo da água da Billings começou há três anos e é fundamental para o abastecimento da capital paulista porque funciona como uma importante ajuda para a Guarapiranga. Regularmente, são 3.600 litros por segundo a mais que chegam ao reservatório —o que diminui o seu ritmo de esvaziamento e garante a manutenção da produção —mesmo em épocas de estiagem, como a que acontece atualmente.

O atraso no início do bombeamento em 2000, por problemas financeiros, chegou a ser apontado como determinante na implantação do racionamento que, naquele ano, durou quatro meses.

“O [sistema] Guarapiranga não entrou ainda em racionamento somente porque tem a reversão do Taquacetuba. Se ela deixar de ser possível, aumenta muito a possibilidade de corte de água”, afirma o superintendente da Unidade de Produção de Água da Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo), Paulo Massato.

A captação no Taquacetuba é feita por bombas flutuantes, que estão hoje a um metro do seu limite de funcionamento. O problema é que o nível do rio vem caindo, em média, 0,01 m por dia —o que significa que, mantido o ritmo, em cem dias o bombeamento terá de parar.

“Mas trabalhamos com o prazo de 80 dias porque, quanto mais próximo do fundo se chega, mais rápido se dá o esvaziamento”, diz Massato. “A primeira quinzena de outubro será o momento crítico para a gente decidir se adota ou não o racionamento em novembro”, afirma o superintendente.

Para que a medida radical não seja necessária, Massato diz contar apenas com “São Pedro”. Mas ele próprio ressalta que o atraso no período chuvoso, que começa, a rigor, em outubro, e as precipitações abaixo da média histórica

têm sido regra nos últimos anos.

E, nesse caso, a garoa que atinge a Grande São Paulo desde o início da semana não tem nenhum efeito. Desde segunda-feira, o nível da Guarapiranga já caiu 0,8 ponto percentual (o equivalente a 1,5 bilhão de litros), chegando a 33,6% da capacidade máxima —quase oito pontos percentuais mais baixo do que o nível em que a represa se encontrava quando teve racionamento decretado em 2000. A velocidade de esvaziamento do Taquacetuba não foi alterada.

A previsão do tempo para os próximos três meses também não é muito otimista: de acordo com o Cptec/Inpe (Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), as chuvas ficarão ligeiramente abaixo da média no próximo trimestre na região Sudeste. E essa já é a realidade vivida no mês de agosto. Na área de mananciais da Guarapiranga, por exemplo, a chuva acumulada é a metade do esperado.

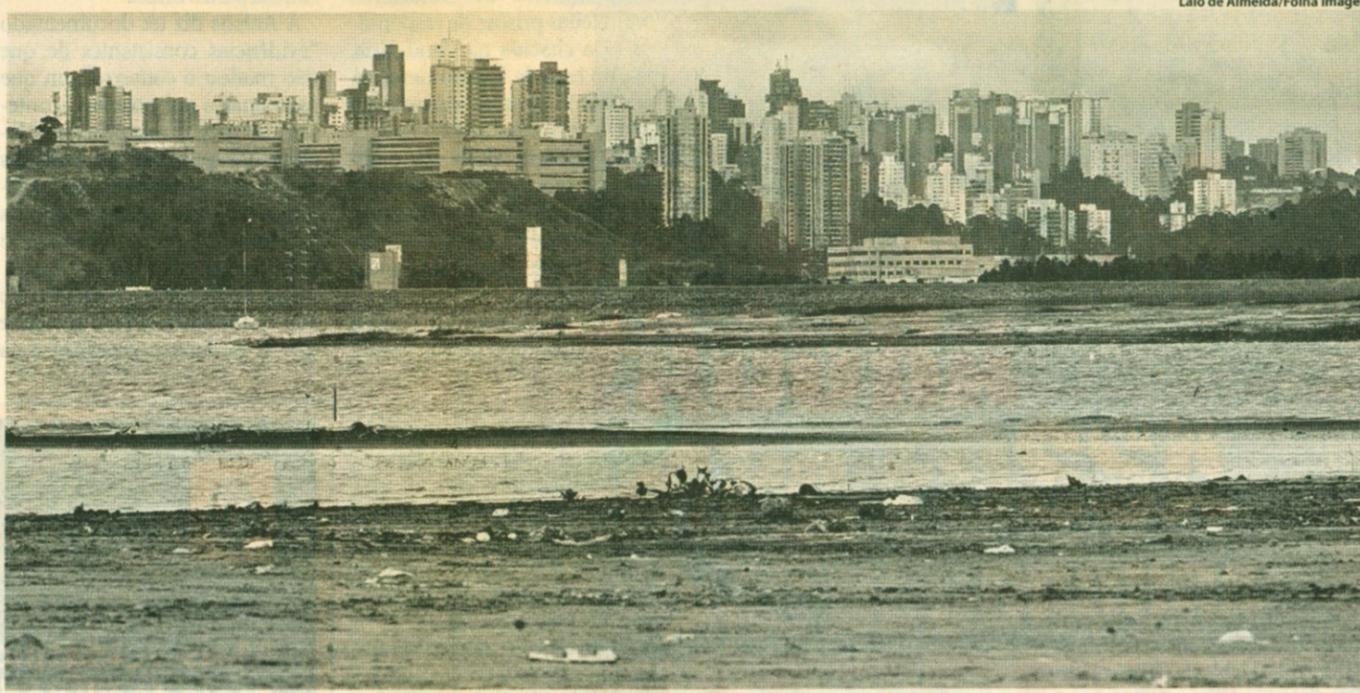
Flotação

A conjuntura do “ou chove ou falta água” serve como justificativa para que a Sabesp faça sua defesa do processo de flotação do rio Pinheiros, que, se autorizado pela Justiça, permitiria o bombeamento de 10 mil litros por segundo para a represa Billings, suficientes para garantir a manutenção da transferência de água do Taquacetuba para a Guarapiranga.

“É preciso acabar com a resistência ideológica à flotação. Se ela já estivesse funcionando em escala piloto, a dependência de chuva seria muito menor”, diz Massato.

Mas a flotação continua proibida por uma liminar conseguida pelo Ministério Público, que entrou com uma ação contra o processo. No início do mês, o Tribunal de Justiça negou o primeiro recurso da Secretaria de Estado dos Recursos Hídricos e Energia, que já entrou com um segundo, a ser julgado até setembro.

Embora a ameaça de racionamento não entre na justificativa do governo para a liberação da flotação, o fator emergência é usado. Uma das situações que poderiam ser melhoradas pela limpeza e consequente bombeamento do Pinheiros para a Billings é a espuma de poluição que, todo inverno, invade as ruas da cidade de Pirapora do Bom Jesus (Grande SP), sustenta a defesa do Estado.

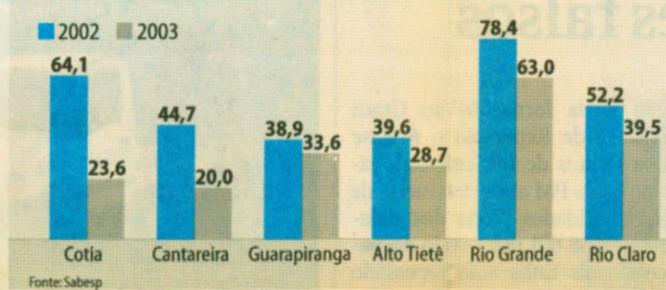


Área seca na Guarapiranga, que está com a capacidade em queda, o que pode provocar um racionamento na zona sul de São Paulo

O BOMBEAMENTO DE ÁGUA PARA A GUARAPIRANGA



Os níveis dos reservatórios da Grande SP



Parecer condena tratamento

DA REPORTAGEM LOCAL

Além da proibição da Justiça, a flotação do rio Pinheiros é condenada também por especialistas da Escola Politécnica e da Escola de Engenharia de São Carlos —ambas da USP (Universidade de São Paulo)—, da Ufscar (Universidade Federal de São Carlos) e da Universidade Mackenzie.

Em 2001, eles elaboraram um parecer, a pedido da Secretaria de Estado do Meio Ambiente, no qual afirmam que o tratamento não remove poluentes como nitrogênio, amônia e fósforo em quantidade suficiente para que, ao ser bombeada para a Billings, a água do Pinheiros não piore a qualidade da água da represa.

As três substâncias são provenientes de esgoto doméstico jogado in natura no rio, e o maior perigo é que aumentem a eutrofização —proliferação anormal de algas— na Billings. As algas liberam toxinas que dão cheiro e gosto ruins à água. Em alguns casos, a quantidade é tanta que chega a impedir a captação de água.

A maior preocupação é justamente o fato de a represa hoje ser usada para abastecimento através do bombeamento do braço Taquacetuba para a Guarapiranga.

Um outro braço formador da

Billings, o do Rio Grande, fornece água para 1 milhão de pessoas no ABC Paulista, mas é separado do corpo central da represa e não sofreria influência de uma eventual deterioração.

Na flotação, substâncias coagulantes jogadas no rio promovem a aglomeração da poluição da água em flocos, que podem ser removidos mecanicamente. O objetivo é deixar o Pinheiros limpo para que ele volte a ser bombeado para a Billings (o que está proibido pela Constituição do Estado desde 1992) e aumente o aproveitamento e a geração de energia na usina de Henry Borden.

O projeto é tocado pela Petrobras, e as duas estações-piloto já custaram cerca de R\$ 60 milhões —pelo menos R\$ 20 milhões a mais do que o previsto.

A piora da qualidade da Billings é descartada pela Cetesb (agência ambiental paulista), que já deu licenças de instalação e operação para as estações-piloto. Lineu José Bassoi, diretor de Engenharia, Tecnologia e Qualidade Ambiental da agência, sustenta que medições feitas nas águas do Pinheiros flotas para uso no Projeto Pomar mostraram que todos os parâmetros de qualidade exigidos de um efluente para ser jogado na

Billings são atendidos. (MV)

Conflito de usos é raiz de problema na Billings

DA REPORTAGEM LOCAL

Produção de energia, abastecimento público e lazer. Apesar de ter sido criada e receber outorga oficial para a primeira finalidade, a represa Billings se presta hoje aos três usos, e no conflito sobre qual deles deverá ser prioritário está a raiz dos seus problemas e levam, no fim, ao subaproveitamento de todos os três fins.

Pelas medidas que vem adotando

(inclusive a insistência na flotação e retomada do bombeamento do Pinheiros), o governo do Estado sinaliza que prioriza o uso energético —subaproveitado pela baixa vazão que chega à usina de Henry Borden, cuja produção vai para a capital paulista nos horários de pico de consumo.

Os ambientalistas costumam ressaltar a importância da represa para o abastecimento. Estudo do Instituto Socioambiental (ISA)

mostrou que a Billings poderia abastecer 4,5 milhões de pessoas, mas só serve a 22% desse total.

As razões estão na ocupação desordenada das áreas de mananciais e do despejo de esgotos, mas também nos anos de poluição que o Pinheiros jogou, enquanto era bombeado para a represa.

Hoje, a Sabesp tira 3.600 litros por segundo do Taquacetuba, mas não cogita ampliar a captação, que ainda é vista com ressal-

vas por alguns especialistas que não confiam totalmente no fato de que água do corpo central da represa (área mais poluída) não está sendo mandada também para a Guarapiranga.

Quanto ao lazer, ele voltou a ser incentivado nos últimos anos, com a retomada, por exemplo, das regatas, graças à melhoria na qualidade da água. Ainda está, entretanto, longe de ser o que foi no começo do século passado.